

Vereadora da Cultura da CML

Catarina Vaz Pinto

Conselho de Administração da EGEAC

Joana Gomes Cardoso

Lucinda Lopes

Manuel Veiga

GALERIAS MUNICIPAIS DE LISBOA

Diretora

Sara Antónia Matos

Adjuntos de Direção

Maria da Luz Martins

Pedro Faro [Direção artística]

Secretariado

Dulce Castro

Arquitetura de Exposições e Museografia

André Maranhã

Comunicação

João Gerardo

João G. Rapazote

Paula Nascimento

Susana Sena Lopes

Produção

Flávia Violante

João G. Rapazote

José Brito

Maria da Luz Martins

Mário Bastos

Paula Nascimento

Coordenação Editorial e de Investigação

Sara Antónia Matos

Pedro Faro

Coordenação do Serviço Educativo

Helena Tavares

Serviço Educativo e Assistentes de Exposição

Andreia Pires

Elisa Aragão

Flávia Violante

João Gaspar

Margarida Rodrigues

Rita Duro

Rita Sá Queiroga

Rita Salgueiro

Montagem de Exposições

António Puga

António Vieira

EXPOSIÇÃO

Curadoria

Sofia Lemos

Artistas

Amélie Bouvier, Ana Manso, Ana Mazzei, Andreia Santana, Bernard Lyot, Davide Zucco, Elias Heuinck, Ester Fleckner, Haris Epaminonda, Jeronimo Voss, Pedro A.H. Paixão

Produção e Comunicação

Paula Nascimento

Montagem de Exposições

Maria Torrada

Balacava Noir

Agradecimentos

Aos artistas; EGEAC – Galerias Municipais, Lisboa; Galerie Barbara Weiss, Berlim; Harlan Levey Projects, Bruxelas; Galeria Jaqueline Martins, São Paulo; Galeria 111, Lisboa; Royal Belgian Institute of Natural Sciences, Bruxelas; Royal Observatory of Belgium, Bruxelas e o Observatoire de Paris, Paris, pelo seu apoio à exposição.

GALERIA BOAVISTA

Rua da Boavista, 50

1200-066 Lisboa

Terça a Sexta-feira, 10h-13h/14h-18h

Sábado e Domingo, 14h-18h

Última admissão:

30 min antes do encerramento

Entrada gratuita

EGEAC - GALERIAS MUNICIPAIS

Acompanhe-nos em

www.facebook.com/galeriasmunicipaislisboa

www.instagram.com/galeriasmunicipais

FACEBOOK

www.facebook.com/events/171856843545945

Organização



NOW IT IS LIGHT

CURADORIA SOFIA LEMOS

**Amélie Bouvier, Ana Manso, Ana Mazzei,
Andreia Santana, Bernard Lyot, Davide Zucco,
Elias Heuinck, Ester Fleckner,
Haris Epaminonda, Jeronimo Voss,
Pedro A.H. Paixão**

**OPEN CALL
JOVENS**

CURADORES

2016

26/01 – 10/03/2018

**(BOAVISTA)
galerias
municipais**

No âmbito do Open Call Jovens Curadores lançado pela EGEAC - Galerias Municipais em 2016, com o objetivo de acolher, divulgar e apoiar a produção e pensamento artístico contemporâneo na cidade de Lisboa, e reforçar a importância dos jovens curadores como agentes de mediação junto das novas gerações de artistas, a Galeria Boavista acolhe os quatro projetos curatoriais vencedores. As participações anteriores envolveram Alejandro Alonso Diaz, Sara De Chiara e Inês Geraldês Cardoso. A edição final acolhe Sofia Lemos. Envolvendo práticas artísticas que abordam o “geocosmos” como um agente em movimento, a exposição reúne trabalhos dos artistas Amélie Bouvier, Ana Manso, Ana Mazzei, Andreia Santana, Bernard Lyot, Davide Zucco, Elias Heuninck, Ester Fleckner, Haris Epaminonda, Jeronimo Voss e Pedro A.H. Paixão, muitos deles mostrados pela primeira vez em Portugal.

A Estrela do Sul, de Jules Verne

“*Compreender a realidade física demanda não só a renúncia de uma cosmovisão antropocêntrica e geocêntrica, mas também uma eliminação radical de todos os elementos e princípios antropomórficos, à medida que emergem tanto do mundo até aos cinco sentidos humanos, como das categorias inerentes da mente humana*”.¹

– Hannah Arendt, *A Conquista do Espaço e a Estatura do Homem*, 1963

A Estrela do Sul, de Jules Verne

A 16 de outubro de 2017, a comunidade internacional astronómica testemunhou o colapso de duas estrelas de neutrões no vazio do espaço, irradiando grandes quantidades de ouro e de outros elementos pesados numa explosão elementar sem precedentes. Dividida pela modernidade colonial numa direção em que a força da gravidade atua sobre estes dois planos – o cósmico e o geológico – a lenta sedimentação destes elementos encontra-se codificada, por um lado, em formas terrenas de energia fossilizada e, por outro, em gasosos aglomerados de radiação expandida, circulando em forma de criação e troca de valor como modo de desapropriação. Hoje, enquanto as efusões cósmicas são progressivamente colocadas na vanguarda das radiantes promessas da “tecnó-esfera” e mediadas sob a forma de bens e ativos, os metais e os minerais permanecem capturados em delimitações políticas e corporativas. Ainda assim, encrostados na superfície planetária como registos sedimentares, estes elementos evidenciam-se como tendo uma linguagem própria.

A *Estrela do Sul* de Jules Verne (1884) situa este movimento de repartição e despojo numa modernização da alegoria da caverna. Michael Serres descreve a caverna de Verne como um campo de redes de comunicação entre agentes estratificados e minerais: “[esta] inverte a caverna platónica ao ser um modelo em pequena escala do próprio mundo exterior. Neste caso, ele é composto de cristais de pedra dura, de corindo ou berilo, bem como de brilhantes espelhos, luzes pulsantes, fogos-de-artifício incandescentes e vibrantes – cada um multiplicando as reflexões do outro, emitindo, recebendo e trocando milhões de informações sobre eles mesmos. Simultaneamente meio e mensagem, os diamantes devolvem o brilho das sardónicas ao lápis-lazúli, e os rubis refletem as chamas da água-marinha, enquanto as esmeraldas espelham-se a si mesmas no lustro do topázio. (...)”² Neste sentido, os raios de luz abstraem e refletem visões homogeneizadas, universais e unificadoras da forma. Cabe assim questionar, no contexto do direito

da propriedade enraizado na história da escravidão, do colonialismo e da opressão de género, como se estabeleceram os limites normativos da extração? E como é que estes são úteis para examinar as memórias de saqueio mineral por agentes coloniais e pelas incursões do capital global?

Num conto de 1974 intitulado *The Stars Below*, Ursula K. Le Guin narra a história de um astrónomo acusado de heresia que encontra refúgio nos caminhos escuros e oblíquos de uma mina. No seu interior, as noites de vigila e de observação transformam-se numa incessante procura pela luz. Na escuridão da mina, a sua crescente obsessão conduziu os mineiros a que inevitavelmente cedessem à vontade do astrónomo. Ensinaram-lhe a balançar a picareta, a procurar as ramificações do metal e a como separar a rocha do mineral. Nesta narrativa de dissidência e exílio, o espaço da mina desdobra-se numa aparente continuidade astronómica entre a temporalidade humana, geológica e do capital.

Já no século XIX, Karl Marx reconheceu um problema de sustentabilidade nos processos dinâmicos e sistemas de fluxo de energia e matéria, quando se referiu às ruturas do metabolismo nos sistemas da Terra, ancoradas em torno da lógica da acumulação capitalista e do modo como o raciocínio neoliberal corrompe as suas operações básicas de renovação. Uma contribuição fundamental para esta formulação provém de um desconhecido astrónomo e geólogo belga, Jean-Charles Houzeau de Lehaie (1820-1888), cujo papel preponderante nas revoltas de 1848, em Bruxelas, o levou ao exílio. Não são conhecidas fontes que confirmem um possível encontro entre Houzeau, Marx e Friedrich Engels em Bruxelas durante os anos revolucionários em que escreveram o *Manifesto do Partido Comunista* (1847). Sabemos contudo que na biblioteca privada de Marx se preservou uma cópia de *O Clima e o Solo* (1861), de Houzeau, onde este inaugura as suas reflexões sobre as afinidades entre formas de relevo, eventos geológicos e ação antropogénica, posteriormente desenvolvidas por Marx no terceiro volume do *Capital*, intitulado “O processo de Produção Capitalista como um Todo.”

Em *Now it is Light*, a difração da luz opera num contínuo movimento gravitacional entre o substrato e o cósmico, como proposição para questionar o próprio planeta e as narrativas que nele convergem na forma de alegorias da caverna. Ancoradas em práticas de sucessão cronológica, comparação e medição que historicamente vêm determinar os limites

modernos nos quais se conformam a identidade e a memória, **Ester Fleckner** e **Pedro A.H. Paixão** exploram os pontos de vista civilizacionais em que o universo observado, do infinitamente pequeno ao infinitamente grande, escapa à perceção dos sentidos humanos. Atuando em coreografia lenta, Paixão reposiciona o visitante face à história de cronometria terrestre, enquanto Fleckner ignora a humanidade como medida e binómio de género e raça, propondo, em alternativa, uma visão fragmentária e irreconciliável desses protocolos de representação.

Interlocutores de um universo luminoso, os olhares melancólicos de **Bernard Lyot** e **Haris Epaminonda** exploram a recusa da inevitabilidade do tempo linear. Com as primeiras imagens em movimento da coroa solar Lyot capta também uma crónica do sustento energético da Terra. Epaminonda, por outro lado, reflete sobre a própria prática de captura e catividade num relato pulsante sobre o progresso civilizacional. Num momento da história terrestre em que a ação antropogénica tem impactos fundamentais na geologia planetária, **Ana Mazzei** e **Davide Zucco** propõem uma leitura intercalada de como os tempos narrativos, pretérito, presente e futuro, constroem objetos de pesquisa. Enquanto Mazzei explora o substrato planetário intercalando narrativa entre a pedra dura, Zucco posiciona-se em torno de cenários cosmológicos explorando a própria materialidade da caverna. **Andreia Santana** propõe um testemunho da capitalização do trabalho ao desenterrar memórias materiais que confluem na construção da alegoria. Ao converter o trabalho de campo num evento de trabalho, a legitimação de narrativas civilizacionais fica aquém do impulso moderno que procura a mediação do tempo histórico.

Seguindo as múltiplas trajetórias de um meteorito de ferro que em 1947 se desintegra durante a sua rota no leste da Sibéria, **Amélie Bouvier** propõe uma “arqueologia do futuro”, onde as crateras espaciais se emprestam à compreensão de impactos na terra causados por levantamentos geológicos e militares. **Elias Heuninck** explora um dos mais notórios levantamentos astronómicos do século XX intitulado *Carte du Ciel* (1887-1970), numa meditação arlequinada sobre a emergência do céu noturno em si mesmo ou como consequência de uma relação exclusivamente ótica com o universo. **Jeronimo Voss** reúne desenhos a olho nu do astrónomo e socialista holandês Anton Pannekoek, realizados entre 1890 e 1927 a partir de relatos exatos de um grupo de astrónomos amadores. Informados

pela história do socialismo e cosmopolitismo, Heuninck e Voss, em colaboração com o Real Observatório de Bruxelas e com o Instituto Anton Pannekoek de Astronomia da Universidade de Amsterdão, exploram as múltiplas escalas de reunião cósmica desde o planetário até ao plano cósmico.

Ana Manso convida a observar a terra desde o ponto de vista do universo, desestabilizando a relação entre fundo e figura e confundindo a literalidade com a abstração da forma. Posicionando estas múltiplas narrativas numa dramaturgia fronteiriça, Manso recontextualiza a circunferência repartindo-a, como se da própria modernidade se tratasse.

¹ Arendt, Hannah. 2007. “The Conquest Of Space And The Stature Of Man”. *The New Atlantis* 18: 43.

² Serres, Michel. 2014. “Matter and Information” in *Textures of the Anthropocene: Ray*. Cambridge, Massachussets: MIT Press. 327.

A Estrela do Sul, de Jules Verne

Amélie Bouvier (1982, França) vive e trabalha em Bruxelas. O seu trabalho tem sido apresentado em exposições individuais: Museo Patio Herreriano, Valladolid; e Carpe Diem, Arte e Pesquisa, Lisboa; bem como em numerosas exposições coletivas: Plataforma Revólver, Lisboa; Verbeke Foundation, Kemzeke; 16ª Bienal Internacional de Arte de Cerveira; e 6ª Bienal de Arte e Cultura de São Tomé e Príncipe. Obteve os prémios: Hors d’Oeuvre, ISELP; e Best Emerging Artist, Just Mad Fair. Bouvier é cofundadora do projeto de investigação “Uncertainty Scenarios” no EFRS Enough Room for Space, Bruxelas.

Ana Manso (1984, Portugal) vive e trabalha em Lisboa. O seu trabalho tem sido apresentado em exposições individuais: art3, Valência; Museu de Serralves, Porto; Uma certa falta de coerência, Porto; bem como em numerosas exposições coletivas: Futura Centre for Contemporary Art, Praga; Ar Sólido, Lisboa; Palazzo Milio, Ficarra; Fondazione Rivolidue, Milão; Museo Di Capodimonte, Nápoles; Plataforma Revólver, Lisboa; Spike Island, Bristol; e Museu da Eletricidade da EDP, Lisboa.

Ana Mazzei (1979, Brasil) vive e trabalha em São Paulo. O seu trabalho tem sido apresentado em exposições individuais: Saludarte Foundation, Miami; Pivô, São Paulo; CCSP, Centro Cultural São Paulo; e La Maudite, Paris; bem como em numerosas exposições coletivas: Sesc_Videobrasil 20, São Paulo; CAC, Vilnius; 32ª Bienal de São Paulo; Sunday Painter, Londres; BFA Boatos, São Paulo; Fundación Rac, Madrid; Museu de Arte Brasileira/Fundação Armando Alvares Penteado, São Paulo, entre outros. Mazzei é docente no Istituto Europeo di Design São Paulo.

A Estrela do Sul, de Jules Verne

Andreia Santana (1991, Portugal) vive e trabalha em Lisboa. O seu trabalho tem sido apresentado em exposições individuais no Museu de Serralves, Porto; bem como em numerosas exposições coletivas: Old School, Lisboa; MAAT – Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia, Lisboa; Zaratan – Arte Contemporânea, Lisboa. Santana obteve o Prémio Revelação do Novo Banco, bem como as residências: Residency Unlimited, Nova Iorque; Panal 360, Buenos Aires; Mieszkanie Gepperta, Breslávia; e Gasworks – Triangle Network Hangar, Lisboa.

Bernard Lyot (1897-1952) foi um astrónomo francês que trabalhou no Observatório Meudon em Paris. Em 1939, utilizando o seu cornógrafo e filtros captou as primeiras imagens em movimento de proeminências solares e da coroa sem ser numa situação de eclipse total do sol. No mesmo ano foi eleito membro da Academia de Ciências e galardoado com a Medalha de Ouro da Real Sociedade de Astronomia em Inglaterra.

Davide Zucco (1981, Itália) vive e trabalha em Berlim. O seu trabalho foi apresentado em exposições individuais: NURTUREart, Nova Iorque; bem como em numerosas exposições coletivas: Fondazione Bevilacqua La Masa, Veneza; ARCOS, Benevento; State Institute of Sofia, Bulgária; Museo de la Ciudad de México, Cidade do México; Jaus, Los Angeles; e Katzen Arts Center, Washington, D.C. Zucco participou das residências: Lower Manhattan Cultural Council’s Process Space, Nova Iorque; ISCP, Nova Iorque; e Bevilacqua, La Masa, Veneza.

Elias Heuninck (1986, Bélgica) vive e trabalha em Ghent. O seu trabalho foi projetado no IFFR, International Film Festival Rotterdam; Beursschouwburg, Bruxelas; e iMAL, Bruxelas, entre outros. Desde 2015 Heuninck sustem uma colaboração com Sofia Lemos e numerosos investigadores e instituições artísticas e científicas em Bruxelas sobre o astrónomo belga Jean-Charles Houzeau de Lehaie. Os seus filmes são distribuídos por August Orst e Werktank.

Esther Fleckner (1983, Dinamarca) vive e trabalha em Berlim. O seu trabalho tem sido apresentado em exposições individuais: Malmö Konsthall; Overgaden Institute of Art, Copenhaga; bem como em numerosas exposições coletivas: Kunstnernes Hus, Oslo; KH7 Artspace, Aarhus; Schwules Museum, Berlim; LWL – Museum für Kunst und Kultur, Münster; National Art Museum of Ukraine, Kiev; Latvian Centre for Contemporary Art, Riga; e Dalian Art Museum, Liaoning Sheng, entre outros. Fleckner obteve o Art Brussels Solo Prize.

A Estrela do Sul, de Jules Verne

Haris Epaminonda (1980, Chipre) vive e trabalha em Berlim. O seu trabalho tem sido apresentado em exposições individuais: FRAC Île-de-France, Paris; Point Centre for Contemporary Art, Nicósia; Modern Art Oxford; Kunsthaus Zürich; e Museum of Modern Art, Nova Iorque, entre outros; bem como em numerosas exposições coletivas: Hammer Museum, Los Angeles; Fondazione Prada, Milão; Museu de Serralves, Porto; Hamburger Bahnhof, Berlim; e Kunsthalle Lissabon, Lisboa, entre outros. Epaminonda correpresentou Chipre na 52ª Bienal de Veneza e participou na dOCUMENTA 13.

Jeronimo Voss (1981, Alemanha) vive e trabalha em Frankfurt am Main. O seu trabalho tem sido exibido em exposições individuais: Stedelijk Museum Bureau Amsterdam; Bielefelder Kunstverein; e MMK Museum für Moderne Kunst Frankfurt am Main; bem como em numerosas exposições coletivas: FACT Liverpool; Clark House Initiative, Bombaim; Haus der Kulturen der Welt, Berlim; Fondazione Nicola Trussardi, Milão; e Secession, Viena, entre outros. Voss participou na dOCUMENTA 13 e é docente no Art Institute HGK FHNW Basel.

Pedro A. H. Paixão (1971, Angola) vive e trabalha em Milão. O seu trabalho tem sido apresentado em exposições individuais: Fundação Carmona e Costa, Lisboa; Ar Sólido (com Catarina Dias), Lisboa; Museu do Dinheiro, Lisboa; bem como em numerosas exposições coletivas: Centro de Arte Manuel de Brito, Lisboa; Centro Internacional de Artes José de Guimarães, Guimarães; Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa; e Centro Cultural de Belém, Lisboa. Paixão é editor, tradutor e fundador do projeto editorial *disciplina sem nome* para a editora Documenta.

Sofia Lemos (1989, Portugal) vive e trabalha em Berlim e no Porto. Atualmente é curadora associada da Galeria Municipal do Porto, tendo recentemente trabalhado como investigadora associada na Haus der Kulturen der Welt, Berlim e como coordenadora do programa público da Contour Biennale of Moving Image 8. Anteriormente, coordenou projetos de investigação artística com o Massachusetts Institute of Technology e com o Max Plank Institute, e esteve envolvida na investigação e preparação de exposições e publicações em várias instituições, incluindo Museo de Arte Moderno de Buenos Aires; CCA Singapore; PRAXES, Berlim; The David Roberts Art Foundation, Londres; e MACBA, Barcelona. Lemos é cofundadora (com Alexandra Balona) de PROSPECTIONS for Art, Education and Knowledge Production, uma assembleia peripatética de investigação em artes visuais e performativas, e editora associada da publicação *Drawing Room Confessions*. Escreveu textos para *vdrome*, *art-agenda*, *...ment*, e *Archis/Volume*, entre outros.